

A CISTERNA DA MORTE E O MOVIMENTO DOS SEM PODER – Jeremias 38,7-13

Silvana Suaiden

Em nosso estudo procuraremos analisar o lugar do trecho profético em questão, sua organização interna, relação com os demais caps. 37-45, não para tentar recompor uma possível biografia do profeta, mas para identificar a intenção específica desse relato.

1. Um belo texto narrativo

Prefiro, pois, iniciar esse ensaio a partir da tradução do texto. Com isso, faremos um esforço para manter a seqüência original das palavras ou não ocultar detalhes nas frases que podem, no processo de leitura, chamar nossa atenção para questões que passariam despercebidas por nós. Para este fim, eis aqui uma tradução literal do texto hebraico:

⁷E escutou Ebed-Melec, o cuchita – homem eunuco – da casa do rei. Eis! Ti-nham colocado Jeremias na cisterna. E o rei estava sentado à porta de Benjamin. ⁸E saiu Ebed-Melec da casa do rei e falou ao rei o seguinte: ⁹“Meu senhor e rei, há maldade nestes homens em tudo quanto fizeram a Jeremias, o profeta, atirando-o na cisterna, onde morrerá de fome. Eis que não há mais pão na cidade!” ¹⁰E ordenou o rei a Ebed-Melec, o cuchita, dizendo: “Toma em tua mão trinta homens e subam a Jeremias, o profeta, antes que ele morra.” ¹¹E tomou Ebed-Melec os homens em sua mão e entraram na casa do rei abaixo do tesouro. E tomou (ele) do vestiário pedaços de panos rasgados e pedaços de pano velho, que fez chegar a Jeremias na cisterna por meio de cordas. ¹²E disse Ebed-Melec, o cuchita, a Jeremias: “Vamos. Coloca estes pedaços de pano velho sob as axilas de teus braços, sob as cordas.” Assim o fez Jeremias. ¹³E suspenderam Jeremias por meio das cordas e subiram-no da cisterna. E ficou Jeremias no pátio da guarda (Jr 38,7-13).

É útil que façamos a leitura do seguinte estudo tendo sempre à vista a presente tradução.

Aqui, cada frase tem seu lugar. Em uma perícopie bem estruturada, os verbos e os conteúdos das falas dão vida a cada personagem. Estes também têm seu lugar; porém, compreenderemos melhor a identidade e a situação de cada um deles mais adiante, ao estudarmos o contexto desta bela narrativa. A seguir, faremos alguns destaques em torno dos aspectos formais do texto.

2. Delimitação: os cenários das diversas relações de poder

Não é difícil perceber a unidade dos versículos em questão. Embora os v. 7-13 de Jr 38 estejam ancorados pelo seu contexto, nos textos mais próximos (v. 1-6) podemos identificar várias mudanças.

Em primeiro lugar, surge um novo personagem: Ebed-Melec, que só voltará a ser mencionado em 39,16. Os versículos que precedem a esta perícopos trazem outros agentes, os quais são os responsáveis por gerar a situação-problema (prisão na cisterna) vivenciada pelo profeta Jeremias. Permanecem apenas dois dos personagens: o rei e o profeta preso.

Em segundo lugar, há mudanças no cenário. Em 38,1-6 Jeremias fala em público, há uma reunião na casa do rei (palácio) e ele é lançado em uma cisterna. Já nos v. 7-13, Ebed-Melec sai e fala ao rei que está à porta de Benjamim (v. 7-10), entra com os homens no palácio e transita sob o tesouro e do vestiário à cisterna (v. 11).

No seu conjunto, as narrativas dos v. 1-6 e 7-13 estão falando da cisterna não apenas como prisão, mas como pena de morte e, esta, lenta e precedida de tortura (imagine a pessoa horas e horas, dias, em pé, atolada na lama e no lodo, com mau cheiro e, ainda, sem comer! – afundando lentamente). A cisterna tem um duplo significado social e teológico: nos tempos do tribalismo israelita foi condição de ocupação nas montanhas para a formação de uma sociedade livre e libertária; agora – com o cerco militar estrangeiro – se torna lugar de tortura e pena de morte, instrumento de repressão e vingança dos poderosos e violentos (41,7). Teologicamente, a cisterna vazia alude também à história de José (Gn 37,24). Mais claro ainda é a autonomia dos v. 7-13 dos que o seguem. Nosso episódio termina no v. 13, encontrando-se Jeremias “no pátio da guarda” (cf. 33,1; 32,2; 37,21 e 38,28), onde permanecerá até a queda de Jerusalém. No v. 14, ele será buscado “na terceira entrada do templo de Javé” (onde, segundo 20,1-2, estaria impedido de entrar).

Por estas razões considero os v. 7-13 uma parcela própria dentro da narrativa, com função específica, porém construída em correlação à narrativa anterior (v. 1-6). Jr 38,7-13 é, portanto, quase uma perícopos profética. Sua conclusão se aproxima da de outras pequenas unidades de nossos capítulos: “e ficou Jeremias no pátio da guarda”.

3. Organização interna: surge o movimento dos que não têm o poder

E como poderíamos observar a divisão e unidade de Jr 38,7-13, objeto de nosso estudo? Temos aqui uma parcela de narrativa e, portanto, personagens (com suas ações e falas), um problema, cenário(s) e uma solução para o problema. Minha proposta é que compreendamos o v. 7, como introdutório, e as unidades entre os v. 8-10 e 11-13.

Desta maneira, temos no v. 7 a introdução ao episódio que é uma apresentação do novo personagem e do problema, fazendo um gancho com o exposto nos versículos anteriores (v. 1-6) além de apontar para o cenário ou espaço onde se dará a cena dos v. 8-10: “o rei estava à porta de Benjamim”. Mas não é por acaso que esta anotação aparece aqui. Benjamim, embora a menor das tribos de Israel, teve a maior importância

para a história de Israel a partir da perspectiva popular e profética do sul. Grandes guerreiros e juizes vieram de lá e tornaram-se famosos; além disso, alude às origens de Jeremias: Anatot, a 6 km ao norte de Jerusalém. Em 37,12-13, Jeremias vai a Anatot adquirir uma herança e lá é preso. O campo devido a ele é direito de resgate e, portanto, lei de Javé (32,7-8).

Os v. 8-10 se constroem a partir da ação de Ebed-Melec, que sai (da casa do rei?), e de seu diálogo com o rei em questão (supõe-se que é Sedecias: 38,5). Uma indicação de tempo ao final do v. 10 marca o centro do episódio e encerra esta pequena parte: “antes que ele morra”. Com essa fala, pois, revela-se o teor da denúncia do servo. Não se trata só de uma prisão, mas da pena de morte. Motivo: “não há mais pão na cidade” (v. 9).

Novos personagens entram em cena nos v. 11-13. Tudo o que acontece aí se deve à ação de Ebed-Melec e os (trinta v. 9) homens na casa do rei ou palácio. Há um movimento importante de descida e subida nas cenas destes poucos versículos. Eles tomam pedaços de panos velhos e rasgados do vestiário, que está abaixo do tesouro. Fazem com que isso chegue a Jeremias na cisterna (baixando os trapos) por meio de cordas. Este deve colocá-los “sob as axilas... sob as cordas” (v. 12). E “suspenderam”, “subiram” a Jeremias da cisterna. Se nossos personagens de alguma maneira transitam nos centros de poder, é nos porões que eles agem, ali onde estão os marginalizados da corte. O episódio encerra com a última frase, usando novamente o imperfeito (“e ficou”) e situando a Jeremias no pátio da guarda (v. 13). É o desfecho. O resultado da ação de subida é a vida do profeta, embora continue preso por Sedecias (como em 32,2).

4. Contexto: as brechas da história

Considerando a unidade de contexto entre os caps. 37, 38 e 39, que fazem alusão ao cerco de Jerusalém pelos caldeus em favor do domínio babilônico, supomos que o nosso episódio se refira também ao período em questão. Ao situar o rei à porta de Benjamim (v. 7), nos perguntamos: como poderia sair o monarca de sua cidade e palácio, tranqüilamente, durante um cerco estrangeiro à cidade? Jr 37,5.11 nos dá uma pista. Os caldeus – aliados dos babilônios – teriam suspenso o cerco em função do avanço egípcio (em 588 aC), um ano antes da tomada da cidade por Nabucodonosor. Já, os caps. 40-44 referem-se aos fatos pós-queda de Jerusalém sob o poder babilônico.

Assim, pois, nosso relato tem seu lugar entre os caps. 37 e 39, estando relacionado, sobretudo, aos v. 15-18 do cap. 39, onde Ebed-Melec é exaltado por Javé dos Exércitos, o Deus do Êxodo. Podemos afirmar que estes versículos são uma confirmação divina de Ebed-Melec e seu papel no conflito entre a resistência profética e as elites de Jerusalém. Por ter se arriscado em solidariedade ao profeta terá sua vida como despojo (39,18), o que, no contexto acima citado, é um grande ganho. Além do mais, o rei neste episódio é poupado de maiores críticas, embora mantenha o profeta na prisão. Fora do ambiente palaciano, ele tem mais autonomia para intervir na situação de Jeremias; diante dos poderosos, ele tem o governo, mas nenhum poder. Nesse sentido, nosso episódio está em consonância com 37,21, e 38,16 onde o profeta é bem tratado pelo rei longe das elites ou às escondidas. É, pois, no contexto de contradições das relações de poder que a libertação de Jeremias acontece em 38,7-13.

5. Quem é quem, e o poder que tem

Ebed-Melec não é nome próprio, embora seguiremos nomeando-o assim. Significa servo do rei. A narrativa o identifica como cuchita e eunuco. Eunuco significa “homem castrado” e, quase sempre, um funcionário real. Podemos, pois, identificá-lo como um conselheiro do rei e, possivelmente, alguém que tem acesso ao seu harém.

Este personagem ainda é identificado como cuchita. Vale observar que o texto de Amós faz uma memória do êxodo que passa pelos cuchitas e é simpático a eles (9,7). Os cuchitas eram negros africanos, também chamados de etíopes (cf. Jr 13,23). O que importa aqui é sua condição de estrangeiro como funcionário real e a possível influência da presença de etíopes na corte de Jerusalém.

Como eunuco, podemos notar sua possível relação com grupos sem poder dentro da instituição de poder, o palácio real. Sua relação com o grupo de mulheres do palácio pode ser compreendida a partir de uma avaliação de Jeremias sobre os fatos (38,21). Estas mulheres são da casa do rei, porém elas não têm o poder do rei: elas fazem parte da propriedade real. Elas denunciam que o governante, na verdade, não tem o poder, mas este é seduzido pelos poderosos que se fazem amigos dele. Jeremias faz eco de suas críticas. Ali, as mulheres (do harém?) vêm e denunciam a situação, o lodo político no qual o rei foi jogado. Os homens dos quais Ebed-Melec fala (38,9) são os amigos do rei, os mesmos que jogaram Jeremias no lodo da cisterna (38,6). Subentende-se uma crítica indireta ao rei: seus amigos são iníquos e assassinos.

Ebed-Melec faz uso das estruturas de poder em prol da solidariedade. Além disso, denuncia duramente e acusa de iniquidade altos dignitários, influentes funcionários e personagens políticos, os nobres da cidade e de Judá (38,1.9). O único poder que ele tem é o da sua própria consciência e da prática solidária em favor dos oprimidos. Além do mais, o comportamento de Ebed-Melec se assemelha às preocupações de mulheres que – sem poder – cuidam e protegem a vida. Daí, tantos detalhes sobre o uso de panos e trapos sob as axilas, apoio sob as cordas. Jeremias estava debilitado, talvez à beira da morte. Só as cordas poderiam feri-lo fatalmente. É o poder usado como defesa e cuidado da vida o que acompanha Ebed-Melec. Possivelmente, ele representa grupos mais ou menos organizados que, dentro da corte, olham a história na ótica de quem não tem poder: as mulheres do harém, estrangeiros, funcionários do baixo escalão...

E os trinta homens que o acompanharam desde o território benjaminita, a mando do rei? Não era necessário levar trinta homens para tirar Jeremias da cisterna, mas sim para escoltá-lo e também ao profeta. A ação significa disputa de espaço e de poder. No palácio as coisas mudam. Tem gente lá com mais poder que o rei.

Embora seja Jeremias o foco das atenções e o nome que mais aparece no relato (8 vezes e Ebed-Melec 5), as principais ações estão com nosso personagem cuchita. As ações atribuídas a Ebed-Melec passam por verbos importantes do início ao fim do texto. Os verbos no imperfeito atribuídos a Ebed-Melec: “escutou”, “saiu” e “falou” denotam grande autonomia de ação e importância teológica, comparável ao profeta como aquele que ouve, fala e sofre. A partir do v.11, destaca-se a liderança do funcionário es-

trangeiro: “e tomou” Ebed-Melec os homens “em sua mão” (= sob seu poder), e entraram, “fez chegar” (v. 12), suspenderam, subiram-no (v. 13)... embora sejam estas ações decorrentes da ordem do rei.

Enfim, o discernimento crítico da realidade

Esta narrativa profética de estilo dramático parece estar muito próxima daqueles que pensaram e avaliaram a história de Israel a partir dos empobrecidos e dos “sem poder” em Israel. Há uma função interpretativa do presente na ação dos aliados do profeta que se desdobra de uma análise crítica da conjuntura nacional e internacional.

É possível que as duas narrativas de 38,1-6 e 7-13 – embora independentes – tenham sido formuladas para serem lidas conjuntamente e que os v. 7-13 sejam uma resposta à acusação dos poderosos a Jeremias em 38,4. Jeremias faz uma análise da conjuntura política nacional e internacional. Fica claro nos textos que ele não está do lado das elites judaítas, mas dos grupos organizados em prol dos camponeses, do movimento profético popular, em síntese, dos pobres, do resto de Judá (39,10; 40,15). Em nossa narrativa (38,7-13) ele está calado, mas enquanto viver, ele é símbolo da profecia que não vê futuro para o atual sistema nacional. Por isso deve morrer! Por sua fala, vemos que ele prevê o fracasso de Israel caso este tente combater os caldeus (32,5; 38,2.20-23). Aqui, Sedecias é um sujeito chave nessa história. Sua submissão à Babilônia poderia evitar uma catástrofe maior: um verdadeiro massacre e até mesmo o exílio.

Nossa perícopie, ainda, previne o etnocentrismo, denuncia o fracasso e as contradições das relações de poder quando estas não partem das necessidades e dos interesses populares, reivindica justiça para com os violentados pelo poder dominante e revela que os autênticos representantes do projeto de Javé – ainda que partícipes dos cenários do poder político – são homens e mulheres solidários com os sofredores e que agem na história a partir da ótica dos empobrecidos. Este é o único poder (divino!) que restou para os impotentes (eunucos!). Aqui não há moralismo, mas ética solidária.

Para concluir, o resgate de Jeremias da cisterna, associado à história de José (também levado por estrangeiros) e com os elementos que destacamos sobre a teologia do êxodo do Egito, nos leva a pensar esta narrativa profética em função de uma teologia do exílio como um “novo êxodo”, como preparação de uma nova história de libertação. Desta forma, nossa narrativa fala das condições do povo oprimido quando fala do profeta Jeremias e, dos caminhos de libertação, quando relata a solidariedade de Ebed-Melec.

Silvana Suaiden
Rua Alice de Oliveira 150 – Ap. 64
Vila Marieta
Campinas
13043-010
silsuaiden@yahoo.com.br